

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIA ATIVA PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE ACERCA DA VIOLÊNCIA.

Anna Beatryz Lira da Silva (1); Clarice Nascimento da Silva (2); Jessiely Karine de Souza Vieira (3); Laryssa Lins de Araújo (4)

¹Autor. Universidade Federal de Campina Grande, nnbeatryz@gmail.com

²Co-autor. Universidade Federal de Campina Grande, cladantas0210@gmail.com

³Co-autor. Universidade Federal de Campina Grande, siellykar1@gmail.com

⁴Orientador. Docente da Universidade Federal de Campina Grande, laryssalins13@icloud.com

RESUMO: Com o passar dos anos foi se fazendo necessário o uso de novas tendências pedagógicas que colaborassem com a formação de um profissional crítico-reflexivo. Sendo assim, a metodologia ativa surge como uma dessas possíveis estratégias pedagógicas para mudar a realidade social atual na qual o educando participa ativamente desse processo. O presente trabalho tem como principal objetivo demonstrar como o uso da metodologia ativa (GV-GO) foi eficaz para o desenvolvimento de uma educação em saúde acerca da violência para estudantes do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Cajazeiras. O estudo foi realizado por acadêmicas do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) a partir do 2º Mutirão em Saúde da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH). Trata-se de um trabalho descritivo do tipo relato de experiência acerca da violência englobando todos os seus aspectos, físico, moral, patrimonial e sexual. A utilização da metodologia ativa foi bastante eficaz para o desenvolvimento da ação, pois estimulou as estudantes a falarem e debaterem sobre o que entendiam sobre violência, o que as fez se sentirem ainda mais à vontade para relatarem casos vivenciados por elas ou por algum de seus familiares, atendendo aos pressupostos da metodologia ativa, visto que o principal objetivo é incentivar a visão crítica do educando e torná-lo ator principal desse processo. Além disso, ao final da ação, foi observado que se fazia necessário haver uma continuidade de projetos que incentivem esta prática, além de abordar assuntos como estes na escola, uma vez que é um dos locais que faz parte do desenvolvimento intelectual, moral e social de um indivíduo.

Palavras-chaves: Violência contra a mulher, Violência na escola, Promoção da saúde.

INTRODUÇÃO

A violência vem assumindo dimensões diferenciadas e contextualizadas, por ser um fenômeno complexo e resultante de múltiplas determinações. De modo geral, a violência pode ser definida como qualquer ato ou ação de um indivíduo ou grupo cuja finalidade é ferir ou ofender outrem. Neste sentido, um ato é caracterizado como violento quando causa danos a terceiros, usa força física ou psíquica, e quando é intencional e vai contra a vontade de quem é atingido (ANSER, 2003).

Para discutir sobre os problemas que abrangem crianças e jovens, pais e filhos, educadores e educandos, assim como as relações que acontecem na sociedade, a escola surge como ambiente privilegiado. Pois, é também nesse meio que é desenvolvido ou dificultado o processo de

socialização, de promoção da cidadania, da formação de atitude e opiniões e o crescimento pessoal (MARRIEL *et al.*, 2006)

Dessa forma, compete à instituição escolar refletir e debater assuntos que preocupam a humanidade em seu dia-a-dia, nos quais enfatizam a violência, as suas formas de prevenir e as prováveis influências no desenvolvimento da criança e do adolescente. Essa atribuição social se deve, em parte, ao reconhecimento de que o ambiente de convivência interfere de forma direta no processo de socialização infanto-juvenil, além de ser, ao mesmo tempo, um local crucial para defesa dos direitos humanos (NJAINE; MINAYO apud MARRIEL, 2006).

Ao decorrer dos anos foi-se percebendo que as concepções pedagógicas utilizadas para a educação até então não estavam dando conta de todas as necessidades exigidas pela sociedade contemporânea. Deste modo, tais concepções e metodologias, entendidas como tradicionais, vêm sendo substituídas por outras que apontam para a necessidade de uma formação que seja capaz de ajudar no processo de transformação deste aluno em profissional crítico reflexivo capaz de se inserir ativamente em uma realidade social, com objetivo de transformar as injustiças e desigualdades ali presentes (PRADO *et al.*, 2012).

Portanto, nesta perspectiva, é preciso que haja tentativas políticas para que sejam implementadas práticas pedagógicas progressistas, também chamadas de metodologias ativas (MA), que atuem como estratégias de ensino (CYRINO, 2004; RODRIGUES, 2008).

A metodologia ativa (MA) é um processo educativo que estimula o desenvolvimento do ensino-aprendizagem crítico-reflexivo, no qual o educando está totalmente incluído e se compromete com este processo. Esta metodologia sugere a preparação de situação de ensino que proporcionem uma proximidade crítica do aluno à realidade; o pensamento sobre questões que geram curiosidade e desafios; a disponibilização de recursos para buscar soluções; o reconhecimento e organização dos resultados hipotéticos mais apropriados à situação e a aplicação desses resultados (LUCKESI; DIAZ-BORDENAVE apud SOBRAL; CAMPOS, 2012).

Neste propósito, as metodologias ativas, apontam para uma mudança de paradigma no ensino de saúde e para a formação de profissionais críticos e reflexivos e que associem o ensino com a pesquisa e o envolvimento comunitário. Essas metodologias buscam um rompimento com aquela antiga postura do professor como aquele que transmite informações e em que os alunos

participam passivamente do processo ensino-aprendizagem. As novas metodologias procuram conceber a educação como prática de liberdade, distanciando de uma educação como prática de dominação (BARROS, 2014).

Portanto, tendo em vista a influência que a escola exerce sobre o indivíduo durante o seu processo de desenvolvimento intelectual, moral e social e a necessidade de debater assuntos sobre a violência em seu próprio meio, torna-se imprescindível à utilização de novas metodologias em que o educando participe ativamente e se envolva nesse processo, a fim de torná-los sujeitos críticos-reflexivos. Sendo assim, considerando a relevância do tema, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar como o uso da metodologia ativa foi eficaz para o desenvolvimento da educação em saúde acerca da violência para alunas do ensino médio de uma escola estadual.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência vivenciado através de uma ação realizada durante o II Mutirão da Saúde pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) em parceria com o Hospital Universitário Júlio Bandeira de Melo (HUIJB) na cidade de Cajazeiras. A EBSERH em seu II Mutirão da Saúde em parceria com Instituições Federais realiza ações que vão além dos muros do hospital a fim de promover educação em saúde.

A ação foi realizada na Escola Estadual da cidade de Cajazeiras, no turno da manhã, para as turmas do ensino médio. Contou com a participação de 13 alunos do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e uma professora orientadora da mesma instituição. Houve reuniões para definição do tema da ação, como seriam realizadas as atividades e para formação de comissões, sendo uma para acolhimento das alunas, outra comissão para realizar o convite nas salas de aula e duas comissões para realização da metodologia escolhida.

A metodologia ativa utilizada foi a dinâmica de GV-GO, onde os participantes são dispostos em dois círculos, um maior que é o grupo de observação (GO), e dentro deste um círculo menor, sendo grupo de verbalização (GV). As participantes do GV iniciam as discussões, contando suas experiências e conhecimentos acerca do tema, enquanto o GO apenas observa. Após o término do tempo estipulado, os participantes que estavam observando irão verbalizar e vice versa. Entretanto,

deixamos para realizar essa explicação apenas quando as alunas já estivessem escolhido seus lugares, assim ao chegarem ao ambiente da ação, todas sentavam nas cadeiras aleatoriamente sem saber o porquê dos dois círculos separados.

O público-alvo foi decidido com base nos critérios de inclusão e exclusão. Sendo os de inclusão estudantes do sexo feminino, que cursassem o ensino médio, estivessem entre 14 e 18 anos, que tinham interesse de participar da ação a fim de aprimorar o seu conhecimento acerca da violência, assim como relatar suas experiências. Como critério de exclusão adotou-se os estudantes do sexo masculino de todo o colégio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, uma das comissões formadas se direcionou para as salas de aula a fim de convidar as estudantes para a ação. Foi apresentado o tema e explicado que seria uma ação educativa, nesse momento percebemos que muitas achavam que seria mais uma palestra tradicional, então falamos brevemente que trabalharíamos com uma dinâmica e que todas poderiam participar,

As metodologias significativas vão possibilitar a análise de conhecimentos dentro de um âmbito individual, a fim de valorizar os conhecimentos e experiências prévias, incluindo os alunos no reconhecimento e busca de soluções para situações vivenciadas por eles nas práticas que constituem o processo educativo, o que contribui para atuação ativa do estudante no processo didático (VANNUCHI; CAMPOS, 2007).

A atividade foi dividida em dois momentos, contendo duas turmas diferentes, uma de 08h00min às 09h30min e outra de 10h00min às 11h30min. No primeiro grupo, das turmas de 1º e 2º ano, havia, aproximadamente, 45 meninas e o segundo grupo, 20 meninas do 3º ano do ensino médio. Foi notório que as estudantes dos anos iniciais do ensino médio, por ter um número consideravelmente grande, se mostraram mais interessadas em participar da atividade.

Além do GV-GO, havia imagens no chão que relatavam alguns tipos de violência a fim de estimular as alunas a interagir mais e incentivar elas mesmas a darem início ao debate. Algumas imagens eram de campanhas acerca da violência contra a mulher, outras eram de relatos de mulheres violentadas pela sociedade, por seus maridos ou familiares seja de forma física, psicológica, patrimonial, verbal ou sexual.

Antes de iniciar a dinâmica, foi indagado para as estudantes o que elas entendiam por violência, se esta era denominada apenas pelo ato de agredir fisicamente alguém. As mesmas negaram e falaram que ia além da agressão física, a violência podia ser verbal, psicológica, financeira, entre outras.

O cruzamento entre violência e gênero é também discutido por diversos autores (DEBERT, 2008; PEREIRA, 2010). A violência envolve diferentes aspectos, engloba a violência física, que compreende lesões ou danos à integridade física das mulheres; a violência patrimonial, que é quando é efetivada por roubos, conservação ou danos aos bens materiais e/ou documentos pessoais; a violência psicológica, que compreende humilhações, isolamento, menosprezo ou ameaças; a violência verbal, que é caracterizada por insultos e ofensas e a violência sexual, identificadas por relações sexuais forçadas ou não consentidas.

Primeiramente, o grupo do primeiro círculo, GV, escolhia 5 imagens aleatórias e falavam o que achavam da imagem, o que esta representava. Algumas das alunas se sentiram receosas em participar da dinâmica, mas, pelo contrário, outras escolheram as imagens e, além de falar o que pensavam sobre a mesma, relataram algum tipo de violência que já havia presenciado. Enquanto isso, o grupo de observação ouvia e esperava sua vez para debater. Apesar de algumas vezes sentirem vontade de comentar e complementar algo que sua colega havia falado, nesses momentos pedimos para que aguardassem a troca dos grupos e anotassem seus comentários.

Durante alguns momentos de pausa, as discentes do curso de Enfermagem faziam alguns comentários para estimular a fala das estudantes o que contribuiu de forma positiva para a metodologia, pois as estudantes dominaram o debate.

Algumas meninas relataram que já sofreram bullying por parte de alunos da própria escola que estudavam, que havia se afastado dos estudos durante um tempo por causa de comentários preconceituosos quanto ao seu peso ou seu cabelo. Além disso, relataram que havia familiares que viviam em situação constante de violência por parte de seus parceiros, situações de abuso sexual por membros da família ou situações de constrangimento ao andar pelas ruas.

Neste contexto, Lisboa et al., (2002) afirmam que as crianças que são vítimas de violências deveriam encontrar na escola fatores de proteção que reduzissem tanto a violência em si, como o impacto dela sobre o seu processo de desenvolvimento, além disso, favorecesse a implantação de estratégias de coping mais úteis e adaptativas.

Posteriormente, inverteram-se os grupos e o GO passou a ser o de GV. Repetiu-se a dinâmica, as alunas escolherem algumas imagens aleatoriamente e, seguidamente, falaram o que acharam da imagem. Foi perceptível que o segundo grupo interagiu bem menos do que o primeiro, talvez pelo primeiro grupo de verbalização já ter falado muitas coisas sobre a violência e, estas, não quererem repetir. Mas, mesmo assim, houve uma boa interação e, mais uma vez, as alunas se sentiram à vontade para falar alguns tipos de violência presenciada ou vivida por elas mesmas.

Sequencialmente, a segunda turma da dinâmica foi composta com poucas estudantes, tanto pelo horário como por algumas não sentirem interesse em participar. Foi realizada a mesma metodologia de GV-GO, porém, não houve inversão de grupos, pois algumas estudantes durante a dinâmica foram saindo do ambiente da ação. Apesar da quantidade mínima de meninas, o debate fluiu e foi possível ouvir alguns relatos, principalmente, de violência pelos homens em casos de relacionamentos abusivos.

Ao final das dinâmicas de cada grupo, foram distribuídos cartões impressos em formatos de mãos para que as estudantes escrevessem o que acharam da ação, o que significava violência para elas ou como se sentiram ao participar, sem que precisassem se identificar. Esses cartões ficaram expostos no ambiente da ação para que as mesmas, e os próprios alunos da escola, pudessem ver e refletir sobre o tema.

CONCLUSÃO

Diante do exposto foi possível observar que a utilização da metodologia ativa (GV-GO) foi bastante eficiente para que as estudantes se sentissem à vontade para debater, visto que o resultado foi bastante positivo e a ação fluiu naturalmente, sem que as acadêmicas precisassem ficar interferindo para que as mesmas falassem.

Apesar de não conseguirmos aplicar a metodologia à segunda turma, os objetivos foram alcançados, uma vez que, ao final da ação, houve estudantes procurando a equipe das acadêmicas e professora para conversar e relatar algum tipo de violência que aconteceu em suas vidas. Ao final da conversa, foram entregues panfletos informativos sobre locais em que as estudantes poderiam ser acompanhadas por profissionais específicos, assim como números do disque denúncia que poderiam ligar.

Sendo assim, foi notório que a ação deveria ter uma continuidade naquela escola e nas demais com o propósito de estendê-las para o público masculino e não se limitar apenas no feminino a fim de promover educações em saúde que abordem diversos temas e que sensibilizem toda a comunidade.

REFERÊNCIAS

ANSER, M.A.C.I.; JOLY, M.C.R.A.; VENDRAMINI, C.M.M. **Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor.** *Psicol. teor.prat.* . 2003, vol.5, n.2, pp. 67-81. ISSN 1516-3687. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872003000200007>, Acesso em: 13 setembro de 2017

BARROS, K.B.N.T. *et al.* Metodologia ativa na construção de um processo educativo critico reflexivo com discentes do curso de fr.**Revista Expressão Católica**, [S.l.], v. 3, n. 1, jun. 2017. ISSN 2357-8483. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.fcrs.edu.br/index.php/rec/article/view/1405/1138>> Acesso em: 13 Set. 2017.

CYRINO, E.G; TORALLES-PEREIRA, M.L. **Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas.** *Cad Saúde Pública*. 2004;20(3):780-8. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n3/15.pdf>> Acesso em: 12 set 2017

DEBERT, G.G; GREGORI M.F. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. **Rev Bras Ciênc Soc**. 2008; 23:165-8. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/11.pdf>> Acesso em 12 set 2017

LISBOA, C. *et al.* **Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica.** *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 15 (2), 345-362, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14358.pdf>> Acesso em: 21 set 2017.

MARRIEL, L.C. *et al.* **Violência escolar e auto-estima de adolescentes.** *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0336127.pdf>> Acesso em: 12 set 2017

PRADO, M.L. *et al.* **Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde.** *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100023> Acesso em: 13 setembro de 2017.

PEREIRA, P.P.G. **Violência, gênero e cotidiano: o trabalho de Veena Das.** *Cadernos Pagu* 2010; 35:357-69. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n35/n35a12.pdf>> Acesso em: 12 set 2017

RODRIGUES, R.M.; CALDEIRA, S. Movimentos na educação superior, no ensino em saúde e na enfermagem. **RerBrasEnferm.**61(5):629-36; 2008. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n5/a16v61n5.pdf>> Acesso em: 11 set 2017

SOBRAL, F.R.; CAMPOS, C.J.G. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. **RevEscEnferm USP.** 2012. Disponível em:
< <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a28.pdf>> Acesso em 23 ago 2017

VANNUCHI, M.T.O.; CAMPOS, J.J.B.A. Metodologia ativa na residência em gerência do curso de enfermagem da UEL. **CogitareEnferm.**, v.12, n.3, p.358-64, 2007. Disponível em:
<<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/10034>> Acesso em: 12 set 2017



I CONGRESSO BRASILEIRO

em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios

e

CONGRESSO REGIONAL

em Violência na Velhice: Abordagem em Saúde Pública

REALIZAÇÃO:

